LEISHMANIOSE VISCERAL CANINA - REVISÃO DE LITERATURA

Autor(res)

Douglas Evandro Dos Santos
Beatriz Adami De Barros Ferreira
Cristina De Siqueira Cavalcanti
Laura Emanuelle Oliveira Da Cruz Borges
Julia De Castro Alves Guimaraes
Eduarda Medeiros Magossi

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIME

Introdução

A leishmaniose visceral canina é uma patologia de caráter zoonótico, causada pelo protozoário da Leishmania spp, que possui inúmeros reservatórios, acometendo desde animais silvestres até animais domésticos e o homem. Atualmente, o cão é considerado o principal reservatório da doença, influenciando diretamente no ciclo de transmissão que no Brasil ocorre através da picada de flebotomíneos do gênero Lutzomyia e da espécie Lutzomyia Longipalpis, conhecido vulgarmente como mosquito-palha (COSTA, 2011).
No quesito de manifestações clínicas, os problemas relacionados à pele são prevalentes em 90% dos casos em cães, se caracterizando através da hiperqueratose, pelagem seca e fraca, queda dos pelos e unhas fracas ou longas. Esses animais podem apresentar também perda de peso, injúria renal, sede excessiva e vômitos, dentre muitos outros sinais (TILLEY E SMITH JR.,2008).

Objetivo

Desta forma, o principal objetivo deste trabalho é fornecer informações e elucidar os princípios fundamentais sobre a leishmaniose visceral canina, ressaltando assim a importância clínica da doença e do estabelecimento de medidas públicas de prevenção, sendo fundamental para manutenção da saúde pública.

Material e Métodos

Para este trabalho, foram pesquisados, analisados e comparados artigos científicos, livros, revisões de literatura e relatos de caso. O presente estudo foi desenvolvido em Lauro de Freitas - Bahia, em outubro de 2024.

Resultados e Discussão

Os cães são considerados o principal reservatório da leishmaniose, uma doença transmitida pelo flebótomo Lutzomyia longipalpis. A leishmania, ao ser inoculada no hospedeiro, invade macrófagos e se multiplica, podendo se espalhar para outros órgãos, como fígado, baço e medula óssea, resultando em infecções crônicas.
A resposta imunológica do hospedeiro determina o curso da doença. Cães com infecção crônica podem exibir sintomas graves e fatais ou serem assintomáticos, com resistência à infecção. Além da transmissão pela picada do vetor, há registros de transmissão vertical (transplacentária) e venérea em cães. Em cadelas infectadas, a infecção pode ser passada aos filhotes, independentemente de a mãe ser sintomática
As manifestações clínicas da LVC variam conforme a resposta imunológica do cão e a cepa do parasita transmitido pela picada do inseto. Desta forma, os primeiros sinais incluem febre intermitente, emagrecimento, caquexia, hepatoesplenomegalia, anemia e linfadenopatia generalizada.
Entre as alterações cutâneas mais comuns estão úlceras, alopecia multifocal, crostas nas orelhas, focinho e região periorbital, e descamação. A presença de onicogrifose (crescimento anormal das unhas) é um sinal patognomônico da doença. As citologias de pele, especialmente da orelha, podem mostrar as formas amastigotas do parasita.
A função renal frequentemente é prejudicada devido à glomerulonefrite membranoproliferativa, causada pela deposição de imunocomplexos nos glomérulos. Lesões oculares também são comuns, como ceratoconjuntivite, blefarite e inflamações no trato uveal, resultantes do acúmulo de imunocomplexos.
Em casos mais graves, há envolvimento neurológico, com inflamação crônica das meninges, levando a sintomas como mioclonias, convulsões, nistagmo, tremores, e até paralisia. No trato gastrointestinal, a doença pode causar diarreia crônica, melena e colite ulcerativa.
O tratamento da Leishmaniose Visceral Canina (LVC) foi proibido no Brasil em 2008 pelo Ministério da Saúde e o Conselho Federal de Medicina Veterinária, devido ao risco de os cães tratados continuarem como fontes de infecção para o mosquito transmissor, sendo assim após o diagnóstico o cão deveria ser sacrificado em razão sanitária.
Atualmente, o tratamento é permitido com uso de algumas medicações como Alopurinol, Milteforan e Domperidona, além de boa alimentação e o uso de coleiras e repelentes que fazem a prevenção contra picadas de mosquitos, diminuindo assim o risco exponencial de transmissão.
O diagnóstico da leishmaniose canina é desafiador, pois seus sintomas podem se confundir com outras doenças. Exames complementares, como PCR e sorologia, são usados, mas o método mais confiável ainda é o isolamento direto do parasita. Cães podem demorar até 12 meses para manifestar sintomas clínicos, e em casos experimentais, até 25 meses.
Quanto ao caráter zoonótico da doença, a transmissão ocorre para humanos através da picada de um mosquito após fazer repasto sanguíneo em um animal infectado. Após a picada do vetor ocorre a inoculação de formas promastigotas do parasita na pele. Essas formas são fagocitadas pelos macrófagos, onde se transformam em amastigotas e começam a se multiplicar, levando à disseminação pelo corpo e ao

desenvolvimento da leishmaniose visceral, que afeta principalmente o fígado, baço e medula óssea.

A Leishmaniose Visceral Canina (LVC) e Humana (LVH) são grandes desafios de saúde pública no Brasil, com aumento de casos em todo o país nas últimas três décadas. A política de eutanásia de cães infectados, adotada pelo Ministério da Saúde, tem sido ineficaz no controle da doença, gerando resistência da sociedade, pois muitos tutores se recusam a entregar seus animais, que possuem alto valor afetivo.

O processo de urbanização desordenada e seus problemas socioeconômicos agravam a situação. É necessário que o governo invista em inquéritos sorológicos caninos para identificar regiões endêmicas e adote novas estratégias de prevenção e controle, com abordagens multimodais mais eficazes. Estudos recentes apontam para o possível envolvimento de ectoparasitas, como pulgas e carrapatos, na transmissão da LVC, mas ainda não há provas definitivas sobre a capacidade desses vetores de infectar novos hospedeiros.

O papel dos gatos como possíveis reservatórios alternativos da leishmaniose também está em investigação, mas é inconclusivo. Gatos parecem ser mais resistentes à infecção, embora estejam subdiagnosticados em áreas endêmicas. A doença também afeta o timo dos cães, comprometendo o sistema imunológico.

Novos métodos diagnósticos, como a análise de líquido sinovial, têm sido explorados como ferramentas rápidas e acessíveis para confirmar a LVC, especialmente em casos graves. A terapia é inacessível para a maioria dos tutores, por ter um custo elevado, sendo necessário novos tratamentos e vacinas. Enquanto houver um crescente número de cães infectados sem o devido tratamento, a leishmaniose continuará de forma persistente para a população.

Conclusão

A leishmaniose é uma doença preocupante para a saúde pública, visto ser uma doença de caráter zoonótico com manifestações graves. É de suma importância que haja pesquisas e estudos científicos sobre essa doença, a fim de que haja avanços no diagnóstico e tratamento para a patologia, de forma que diminua sua incidência.

Referências

FERNANDES, M. A. da C. Leishmaniose Canina. 2024. Mestrado Integrado em Medicina Veterinária Universidade de Évora - Escola de Ciências e Tecnologia, Évora, Portugal, 2024.

FERREIRA, S. A, et al. Medvep Dermato - Revista de Educação Continuada em Dermatologia e Alergologia Veterinária; 2014; 3(10); 1-637.

FREITAS, A. L., et al. Leishmaniose visceral canina: Revisão. Pubvet, [S. l.], v. 16, n. 10, 2022. DOI: 10.31533/pubvet.v16n10a1245.1-20. Disponível em: https://ojs.pubvet.com.br/index.php/revista/article/view/2935.. Acesso em: 13 out. 2024.